

**HELENA NASCIMENTO DE LEÃO**

**APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS**

**Pontal do Paraná**

**2005**

**HELENA NASCIMENTO DE LEÃO**

**APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS**

**Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista ao Curso de Inclusão e Educação Especial do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná/DEPSI em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Pontal do Paraná/CEAD.  
Orientadora: Professora Cláudia Cibele Bildinger Cobalchini**

**ORIENTAÇÃO:**

---

**Professor Cláudia Cibele Bildinger Cobalchini**

**Pontal do Paraná**

**2005**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao motor que impulsiona a minha vocação: os alunos. Eles, que desde as minhas primeiras aulas como professora iniciante, me impulsionaram a descobrir seus anseios, seus sonhos e fazendo com que eu possa descobrir em cada coração e mente um universo que está sempre se modificando. A eles que ilustraram o livro de minha amada profissão à qual até hoje continua sendo escrita com letras traçadas por mãozinhas as quais ajudei a construir seu mundo, sua vida e suas aspirações. Se este trabalho está sendo concretizado, devo isso aos meus alunos de outrora, do presente e também do futuro, os quais nunca me deixarão parar de tentar auxiliá-los em suas empreitadas na vida e que nunca me deixarão de habitar o meu coração. Pela força do hábito de ensinar e pela motivação para realizar o início do resto de minha atuação como educadora, esta monografia é inteiramente dedicada a todos os que foram meus alunos.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos profissionais da Secretaria de Educação de Guaratuba que com seu trabalho ajudaram a construir a sociedade educacional da qual fazemos parte.

Aos dirigentes das Escolas Municipais, pela confiança e sinceridade nas respostas concedidas durante a pesquisa de campo, que possibilitaram traçar um perfil de nossos alunos na Rede Municipal de Educação.

A Prof<sup>a</sup>. Cláudia Cibele Bildinger Cobalchini, pelas horas dispensadas para que este trabalho fosse apresentado com a melhor qualidade possível.

A minha família, pela confiança e motivação.

Aos meus amigos e colegas, pela força e vibração em relação a esta jornada.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização e divulgação deste trabalho.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>SUMÁRIO.....</b>  |           |
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>01</b> |
| <b>1 APRENDIZAGEM.....</b>   | <b>01</b> |
| <b>1.1. Abordagem tradicional.....</b>                               | <b>01</b> |
| <b>1.2. Abordagem Comportamentalista.....</b>                        | <b>01</b> |
| <b>1.3. Abordagem Humanista.....</b>                                 | <b>01</b> |
| <b>1.4. Abordagem Cognitiva.....</b>                                 | <b>02</b> |
| <b>1.5. Abordagem Sócio Cultural.....</b>                            | <b>03</b> |
| <b>2. EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....</b>            | <b>03</b> |
| <b>3. O ALUNO DE MELHOR DESEMPENHO.....</b>                          | <b>06</b> |
| <b>4. APRENDIZAGEM: CONCEITOS E TIPOS.....</b>                       | <b>06</b> |
| <b>5. APRENDIZAGEM COMO OBJETO DE ESTUDO.....</b>                    | <b>09</b> |
| <b>6. TEORIAS DA APRENDIZAGEM.....</b>                               | <b>10</b> |
| <b>7. CONTROVÉRSIAS BÁSICAS ENTRE ESSAS CONCEPÇÕES.....</b>          | <b>11</b> |
| <b>8. ABORDAGEM SOBRE PROCESSOS DIDÁTICOS.....</b>                   | <b>12</b> |
| <b>8.1. Ensino e Aprendizagem.....</b>                               | <b>12</b> |
| <b>8.2. Processo de Assimilação Ativa.....</b>                       | <b>14</b> |
| <b>8.3. Os Níveis de Aprendizagem.....</b>                           | <b>15</b> |
| <b>8.4. Momentos Interligados de do Processo de Assimilação.....</b> | <b>15</b> |
| <b>9. TEORIA COGNITIVISTA DA APRENDIZAGEM.....</b>                   | <b>17</b> |
| <b>9.1. Variações da Aprendizagem Cognitiva.....</b>                 | <b>17</b> |
| <b>9.2. Pontos de Ancoragem.....</b>                                 | <b>18</b> |
| <b>9.3. Uma Teoria de Ensino: Bruner.....</b>                        | <b>18</b> |
| <b>9.4. Estrutura da Matéria.....</b>                                | <b>19</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>9.5. Motivação.....</b>  | <b>20</b> |
| <b>9.6. Projeto Pessoal do Aluno e a Gestão da Aprendizagem.....</b>        | <b>21</b> |
| <b>9.7. Processo Ensino-Aprendizagem.....</b>                               | <b>21</b> |
| <b>10. APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO.....</b>                              | <b>22</b> |
| <b>11. A TRANSFERÊNCIA DA APRENDIZAGEM.....</b>                             | <b>24</b> |
| <b>12 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA.....</b>                | <b>27</b> |
| <b>12.1. Ler é Prever, Pensar e Interagir.....</b>                          | <b>27</b> |
| <b>12.2. Uma Incógnita a ser Esclarecida.....</b>                           | <b>28</b> |
| <b>13. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA APRENDIZAGEM DA ESCRITA.....</b>               | <b>30</b> |
| <b>14. ESCRITA: MUITAS POSSIBILIDADES.....</b>                              | <b>31</b> |
| <b>15. INTERFACES DA LEITURA E DA ESCRITA.....</b>                          | <b>32</b> |
| <b>16. CUIDADOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA.....</b>                  | <b>33</b> |
| <b>17. CUIDADOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA ESCRITA.....</b>                  | <b>33</b> |
| <b>18. O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E A COMPETÊNCIA<br/>DIDÁTICA.....</b> | <b>34</b> |
| <b>19. DIFERENÇA ENTRE DIFICULDADE E BLOQUEIO DE APRENDIZAGEM..</b>         | <b>38</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>40</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>  | <b>42</b> |
| <b>QUESTIONÁRIOS.....</b>   | <b>43</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                      | <b>44</b> |

## RESUMO

Aprender é aprender a pensar, isto é, “inquirir, investigar, examinar, provar, sondar para se chegar à descoberta”. Mas para aprender satisfatoriamente, o indivíduo deve estar motivado, incentivado, pois estes são fatores essenciais no processo de aprendizagem.

A aprendizagem é um processo planejado ou não. Podendo ser casual ou organizada. Ela acontece durante toda a nossa vida.

Toda a aprendizagem opera mudanças de comportamento no indivíduo. Ela parte do “não saber” para “o saber”, do “não fazer” para o “fazer”, para isso, o aprendiz deve apresentar condições físicas, psicológicas, intelectuais e emocionais favoráveis.

No decorrer da vida, aprendemos a superar nossas necessidades vitais para nossa sobrevivência, aprendemos a interagir no meio em que vivemos transformando-o e dele tirando proveito para nosso crescimento, como também podemos aprender a adquirir conhecimentos nas instituições escolares que oferecem um conhecimento mais sistematizado e elaborado, pois a escola tem duplo papel social no aprendizado de um indivíduo: ela é transmissora de conhecimentos culturais e ensinamentos, transformadora das estruturas sociais adequando as necessidades da criança, da família e da comunidade.

## ABSTRACT

To learn is to learn to reflect or to inquire, to search, to examine, to proof in order to arrive to discover something. But to learn satisfactory, person must to be motivated, stimulated, because this are essential factors of learning.

The learning is or not is a planed process. It's can be casual or organized structure. It performances itself during all in our life.

All learning makes change of comportment in the person. It goes from "do not know" to " know", from "do not realize" to "realize" and this way the novice must present favorable physical, psychological, inteiiectual and emotional conditions.

On this way of life, we learn to surpass our own vital necessities to our survive, we learn to complete ourselves in the place where we live changing it and from it we extract benefices to our inteilectual growing, we can to learn to obtain knowledge in school institutions that offer a more systematized and elaborated knowledge, because the school has double social importance in the teaching, transformer of social structures adapting the necessities of children, family and community.

## APRESENTAÇÃO

O termo “Aprendizagem” nos remete a pensarmos num campo muito amplo, quase que limitado, pois o ser, seja racional ou irracional, sempre terá o que aprender, até o final de seu tempo de vida terrena.

O aprendizado sempre se faz presente dentro de nossa vida. Aprendemos a todo segundo, a todo momento, toda hora e todos os dias.

Aprender significa mudar nosso comportamento, abrir nossa mente e fortalecer nosso desenvolvimento, mesmo sendo aprendizagem e desenvolvimento fenômenos distintos e interdependentes, cada um tornando o outro possível.

Vigotyski considera três teorias principais que discutem a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Na primeira, o desenvolvimento é encarado como um processo maturacional que ocorre antes da aprendizagem, criando condições para que esta se dê. É preciso haver um determinado nível de desenvolvimento para que certos tipos de aprendizagem sejam possíveis. Na segunda, a comportamentista ou behaviorista, a aprendizagem é o desenvolvimento, entendido como o acúmulo de respostas aprendidas. Nessa concepção o desenvolvimento ocorre simultaneamente à aprendizagem, ao invés de procedê-la.

O terceiro modelo teórico sugere que o desenvolvimento e aprendizagem são processos independentes que interagem, afetando-se mutuamente: aprendizagem causa desenvolvimento e vice-versa.

Objetivando informar e enriquecer os conhecimentos dos leitores sobre o tema “aprendizagem” é que nesta monografia enfatizamos a aprendizagem nas escolas, procurando levar ao conhecimento algumas posições de vários autores relacionados à educação, seus pensamentos e obras em relação à aprendizagem e sua história evolutiva no decorrer dos tempos.

## INTRODUÇÃO

A aprendizagem é o fenômeno que consiste na assimilação por parte do aluno do que foi aprendido em sala de aula ou em qualquer momento em que este processo se manifesta.

Através do processo de aprendizagem, adquirimos a capacidade de responder adequadamente a uma situação que pode ou não ter sido encontrada anteriormente. O processo de ver por dentro (insight) uma situação reflete automática e repentinamente a um processo de aprendizagem.

Antigamente, a fixação da aprendizagem consistia em guardar de cabeça, decorar, ou seja, era um meio mecânico. Hoje, aprender significa assimilar conteúdos, mudar comportamentos, pois só haverá aprendizagem se a criança assimilar o que lhe é ensinado, isto é, quando ele incorpora os conhecimentos novos ao seu eu, à sua personalidade.

Aprender adquirir atitudes, hábitos, habilidades, reações e novas formas de vida. A aprendizagem está baseada em condições psicológicas.

A educação é fator de desenvolvimento da cidadania, que fundamenta e amplia a vivência da democracia, em um país cheio de contrastes, ambigüidades e contradições como o nosso.

Ter acesso à educação, estudar e se profissionalizar tem sido um desafio, no sentido de superar condições precárias de ensino. Devemos lançar mão de uma aprendizagem eficiente para que possamos demonstrar a nossa eficácia a tudo o que o que nos foi ensinado e em todo o aprendido que pudermos nos apropriar. Só a aprendizagem nos capacita de superar adversidades, transpor barreiras ou dificuldades e tornarmos aptos para participar e competir em todo o processo que a vida possa nos apresentar.

## JUSTIFICATIVA

Por ser o processo de aprendizagem um tema de suma importância dentro de um processo educacional, é indispensável procuramos enfatizar este tema de fundamental importância na aquisição e apropriação do saber.

Qualquer um de nós pode responder sem pestanejar o que atendemos hoje na escola, e sabemos justificar nossas habilidades, por exemplo, de escrever e ler, dançar, correr, pular, raciocinar, bem como outros mecanismos que demonstram o que realmente aprendemos, isto é, o que podemos assimilar.

O conceito de aprendizagem nos demonstra que há vários tipos de aprendizagem, ou seja, há diversos fatores, os quais nos levam a apresentar um comportamento que anteriormente não apresentávamos, como o crescimento físico, descobertas, tentativas e erros, ensino, etc.

Assim, essas diferentes situações e processos não podem ser englobados num só conceito. A aprendizagem é um processo a ser investigada. Muitas questões devem ser respondidas pelos teóricos da aprendizagem: Qual o limite de aprendizagem? Qual a participação do aprendiz no processo? Qual a natureza da aprendizagem? Etc.

Desta maneira deveremos, no decorrer deste trabalho, enfatizar todos os mecanismos que interferem no processo de aprendizagem e procurarmos oferecer algumas conclusões a este tema de tão grande importância na apropriação do saber.

## OBJETIVO GERAL

### **A aprendizagem deverá:**

- Proporcionar as crianças condições favoráveis para a apropriação de todas as formas de aprendizagem;
- Desenvolver habilidades que permitam a aquisição de métodos de estudos para todas as disciplinas;
- Desenvolver habilidades que permitam estudar e obter sucesso na vida cotidiana;
- Adquirir habilidades para a aquisição do conhecimento;
- Compreender que através de aprendizagem obter-se-á condições de participar do processo de socialização.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

### **A aprendizagem deverá:**

- Promover o desenvolvimento de um entendimento e uma adequada avaliação do “eu”;
- Favorecer a conexão entre o estímulo e a resposta;
- Desenvolver hábitos de ouvir com atenção, esperando a vez de falar;
- Ser capaz de compreender informações orais, chegando ao nível mais adiantado de interpretá-las;
- Verbalizar situações, relacionando elementos visuais e dramáticos;
- Observar alguns pontos na aprendizagem do ouvir, falar ou escrever;
- Falar com clareza, pronunciando e articulando as palavras corretamente;
- Dominar os mecanismos de aprendizagem para poder aplicá-los na aquisição do saber;
- Formar hábitos de cortesia e respeitar os companheiros numa conversa ou discussão;
- Ouvir com atenção, procurando compreender o sentido das palavras;
- Oferecer condições à criança para resolver problemas com compreensão e raciocínio;
- Promover muitas e variadas oportunidades fazendo com que a criança sinta necessidade de pensar para solucionar as situações apresentadas;

- Resolver problemas da vida real, utilizando os conhecimentos e habilidades adquiridas anteriormente;
- Justificar a necessidade do uso da aprendizagem nas várias situações da vida.

## **1. APRENDIZAGEM**

### **1.1 ABORDAGEM TRADICIONAL**

Segundo a autora MIZUKANI (1990, p. 42) na aprendizagem tomada na concepção mais tradicional, “a ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são instruídos pelos professores. Os conteúdos e as informações têm que ser adquiridas e os modelos imitados”. Em termos gerais, é um processo de ensino que se preocupa mais com a variedade e a quantidade de noções, conceitos, informações do que a formação do pensamento reflexivo.

A expressão do professor tem um auge proeminente, cabendo ao aluno a memorização desse conteúdo verbalizado. Existe a preocupação com a sistematização dos conhecimentos apresentados de forma acabada e as tarefas sendo padronizadas. A abordagem tradicional enfatiza a transmissão de conceitos e a imitação dos modelos aprendidos.

### **1.2 ABORDAGEM COMPORTAMENTALISTA**

Ensinar consiste num arranjo e planejamento de condições externas que levam os estudantes a aprender. É de responsabilidade do professor assegurar a aquisição do comportamento.

Os comportamentos esperados dos alunos são instalados e mantidos por condicionantes e reforçadores arbitrários, tais como: o diploma, as vantagens da futura profissão, possibilidades de ascensão social, monetária, etc.

Os elementos mínimos a serem considerados num processo de ensino são: o aluno, um objetivo de aprendizagem e um plano para alcançar o objetivo proposto. A aprendizagem será garantida pelo programa estabelecido.

A abordagem comportamentalista visa a obtenção de um determinado comportamento a ser mantido.

### **1.3 ABORDAGEM HUMANISTA**

O ensino está centrado na pessoa, o que implica orientá-lo para a sua própria experiência para que, dessa forma, possa estruturar-se e agir.

A atitude básica a ser desenvolvida é a de confiança e de respeito ao aluno.

A aprendizagem tem a qualidade de um envolvimento pessoal. A pessoa considerada em sua sensibilidade e sob o aspecto cognitivo é incluída de fato na aprendizagem. Esta é auto-iniciada. Mesmo quando o primeiro impulso ou estímulo vem de fora, o sentido da descoberta, do alcançar, do captar e do compreender vem de dentro.

Na aprendizagem, esta abordagem é significativa e penetrante. Suscita modificação no comportamento e nas atitudes.

Além disso, é avaliada pelo educando. Este sabe se está indo ao encontro de suas necessidades, em direção ao que quer saber, se a aprendizagem projeta luz sobre aquilo que ignora.

Na abordagem humanista a pessoa está incluída no processo de ensino-aprendizagem!

#### 1.4 ABORDAGEM COGNITIVA

O importante é como ocorrem a organização do conhecimento, o processamento das informações e os comportamentos relativos à tomada de decisões.

As pessoas lidam com os estímulos do meio. Sentem e resolvem problemas, adquirem conceitos e empregam símbolos verbais. A ênfase, pois, está na capacidade do aluno de integrar informações e processá-las. O que é priorizado são as atividades do sujeito, considerando-as inserido numa situação social.

O ensino é baseado no ensaio e erro, na pesquisa, na investigação, na solução de problemas por parte do aluno e não na aprendizagem de fórmulas, nomenclaturas, definições, etc. assim, a primeira tarefa da educação consiste em desenvolver o raciocínio.

O ponto fundamental do ensino, portanto, consiste em processos e não em produtos de aprendizagem.

A aprendizagem se realiza justamente quando o aluno elabora seu conhecimento. Isso porque conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo. O mundo deve ser reinventado.

O ensino dos fatos deve ser substituído pelo ensino de relações, pela proposição de problemas.

Não existem currículos fixos, antes são oferecidas às crianças situações desafiadoras, tais como jogos, leituras, visitas, excursões, trabalho em grupo, arte, oficinas, teatro, etc.

Abordagem cognitiva: preocupação em como se dá a aprendizagem.

## 1.5 ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL

Uma situação de ensino-aprendizagem, entendida em seu sentido global, deve procurar a superação de relação opressor-oprimido, através de condições, tais como:

- a) Solidarizar-se com o oprimido, o que implica em assumir a sua situação.
- b) Transformar radicalmente a situação objetiva geradora de opressão.

A educação problematizadora busca o desenvolvimento da consciência crítica e da liberdade como meios de superar as contradições da educação tradicional.

Educador e educando são, portanto, sujeitos de um processo em que crescem juntos, porque “ninguém educa ninguém, ninguém se educa. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo.”(FREIRE “[1982-p.19])

Abordagem sociocultural: busca da superação da relação opressor-oprimido!

## 2. EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A partir das diversas abordagens apresentadas, podemos agora destacar nosso ponto de vista sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Se o ser humano fosse total e exclusivamente determinado por suas características genéticas, não haveria necessidade de escola nem educador. Mas sabemos que não é assim. É através da possibilidade de aprender que o aluno se desenvolve como ser humano e como cidadão.

A escola e o professor trabalham com a aprendizagem do aluno num processo que não acaba nunca. Aprende-se sempre. Além do mais, aprender não é uma propriedade exclusiva do aluno: o professor também aprende.

Quando falamos em aprender, entendemos: buscar informações, rever a própria experiência, adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades, adaptar-se a mudanças, mudar comportamentos, descobrir o sentido das coisas, dos fatos, dos

acontecimentos. Os verbos utilizados aqui priorizam o aluno enquanto agente principal e responsável por sua aprendizagem. As atividades estão centradas no aluno, em suas capacidades, condições e oportunidades.

De modo análogo, o significado de ensinar diz respeito a: instruir, fazer saber, comunicar conhecimentos, mostrar, guiar, orientar, dirigir, desenvolver, desenvolver habilidades; verbos que apontam para o professor enquanto agente principal e responsável pelo ensino. Neste sentido, o ensino centraliza-se no professor, em suas qualidades e habilidades.

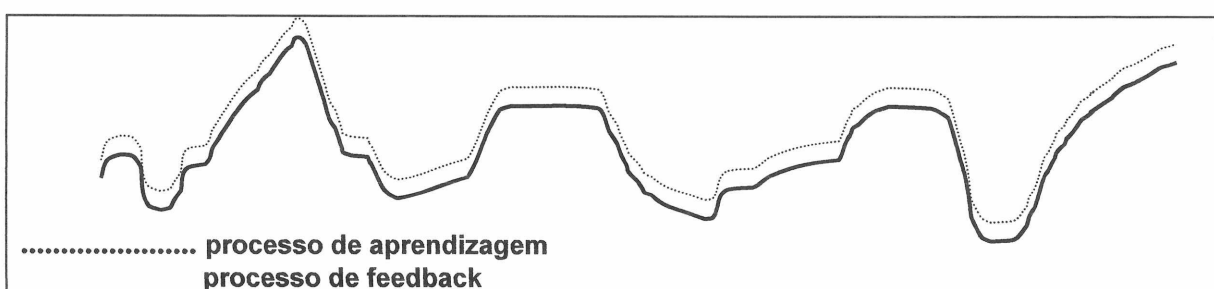
Porque existe em função do aluno e da sociedade na qual se insere, a escola deverá privilegiar a aprendizagem de seus alunos; ao mesmo tempo, entendemos que a aprendizagem e o ensino são processos indissociáveis. O ensinar se define em função do aprender.

Mas para que a aprendizagem realmente aconteça, ela precisa ser significativa para o aluno, envolvendo-o como pessoa.

Trata-se de um processo que permita ao aluno relacionar o que está aprendendo com os conhecimentos e experiências que já possui que o incentive a perguntar e apresentar questões que o envolvam. Além disso, que lhe permita entrar em contato com situações concretas de sua vida fora da escola. Por fim, que lhe possibilite transferir o que aprendeu na escola para outras circunstâncias e situações de sua vida.

Todo o processo de aprendizagem precisa ser acompanhado de um FEEDBACK, o qual é um elemento integrante desse processo, pois deverá fornecer dados aos alunos e ao professor para corrigir e levar adiante o processo de aprendizagem. (MASETTO, 1994:46).

Uma representação esquemática de relação aprendizagem-de-feedback poderia ser assim expressa:



Aqui fica claro que o erro aparece como elemento natural do processo, levando a novas correções e aprendizagens.

Toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor, colegas de turma: diálogo, colaboração, participação, trabalho e jogos (brincadeiras) em conjunto ou em grupo, respeito mútuo, etc.

O aluno aprende numa atitude de relacionamento e interação com os professores, com seus colegas de turma e com colegas de outra turma. Às vezes, pensamos que o aluno só aprende com o professor. Engano nosso. Não estamos acostumados a valorizar o grupo-classe ou a turma com fundamentais para o crescimento e o desenvolvimento dos próprios alunos.

No processo de ensino-aprendizagem, o aluno é o sujeito e construtor do processo. A aprendizagem envolve sempre alguma mudança de comportamento ou de situação, isto é, só acontece na pessoa do aprendiz. Ela é estritamente pessoal. Dessa forma ou o aluno aprende, ou ninguém aprenderá por ele.

Como aparece, num processo de aprendizagem, assim descrito, a figura do professor? Como o de um estimulador, orientador e facilitador da aprendizagem dos seus alunos. Seu papel será o de ajudar o aluno a aprender. Ele não é só o transmissor de informações, mas também aquele que cria condições para que o aluno adquira informações; não aquele que faz preleções para divulgar a cultura, mas quem organiza estratégias para que o aluno conheça a cultura existente e crie cultura.

E as perguntas costumeiras como: “Que devo ensinar?” “Como poderei ensinar todos os conteúdos?”, serão substituídas por: “O que meus alunos precisam aprender?” “O que eles vêm esperando da escola e de minha aula?” “Como envolvê-lo?” “Como criar condições em minhas aulas para que se eduquem como pessoas, membros de uma sociedade?”

Ao se dispor responder a essas perguntas, o professor reconhecerá que todas a realidade humana e social se encontra num contínuo e rápido processo de mudanças e transformações. Por isso mesmo entenderá também que a aprendizagem, antes de qualquer coisa, exige uma contínua abertura para modificações tanto por parte do aluno como por parte dele mesmo.

“A aprendizagem significativa é um processo pessoal”(MASETTO, 1994:47).

### **3. O ALUNO DE MELHOR DESEMPENHO**

ROSENTHAL (1968), professor de Psicologia Social em Harvard, relatou, após uma série de testes, que os ratos tinham muito melhor desempenho quando aos experimentadores era previamente dito, falsamente, que os ratos haviam sido criados por um processo especial que lhes desenvolvia a inteligência.

Os mesmos ratos apresentavam, sistematicamente, um mau desempenho quando aos experimentadores se dizia, também falsamente, é claro, que os animais eram muito estúpidos.

O professor Rosenthal iniciou então testes análogos com escolares, obtendo resultados semelhantes. Uma amostragem, ao acaso de crianças da primeira e segunda série, numa escola primária de São Francisco, e que ele previra que fariam progressos espetaculares em seus afazeres escolares, tiveram realmente em esplêndido aproveitamento, ao contrário do resto do corpo estudantil. Somente os professores e não os alunos, nem seus pais tinham conhecimento das previsões do professor Rosenthal.

Embora, por razões éticas, não tivesse sido previsto que qualquer criança resultaria um aluno medíocre, o professor Rosenthal acredita que os seus testes fornecem importantes provas para corroborar a tese comum de que muitas crianças, sobretudo as de grupo minoritários, têm mal aproveitamento porque é exatamente isso que seus professores esperam delas, admitindo-se que em muitos casos o mau aprendizado dos alunos resulta da ineficiência dos professores. Professores mal preparados e sobrecarregados de responsabilidades extras classes, oferecem um ensino de má qualidade, exigindo como retorno um aprendizado eficaz de seus alunos. Desta forma há que se repensar em relação ao ensino oferecido, para que não tenhamos alunos com conhecimentos medíocres não preparados para enfrentar as exigências que a vida apresenta.

### **4. APRENDIZAGEM: CONCEITOS E TIPOS**

Geralmente define-se aprendizagem como uma mudança de comportamento (variável dependente), que ocorre como resultado da prática (variável independente). Enfatizamos o papel do reforço, alguns psicólogos behavioristas (teóricos E-R) a definem como uma mudança relativamente permanente na

potencialidade do comportamento, a qual ocorreu como resultado da prática – (Hulgard e Marquis, 1961, p 06).

Seria essa definição completa e satisfatória? Será que qualquer aprendizagem poderá ser bem explicada com tão poucas palavras?

“Aprendizagem é a progressiva mudança de comportamento que está ligada, de um lado, a sucessivas apresentações de uma situação e, de outro, a repetidos esforços dos indivíduos para enfrentá-los de maneira eficiente” – (Mc Connell [1971; p.28])

Respeito a concepção behaviorista pois acredito que a aprendizagem gera uma mudança de comportamento, quer adquirida através de condicionamentos ou adquira de forma espontânea ou sistematizada.

Diz Tolman (1948, apud Tewan e Briney, 1965, p.212) que há uma escola de psicologistas de animais que acredita que o comportamento de ratos em labirintos é uma matéria de meras conexões estímulos-respostas. A aprendizagem, de acordo com eles, consiste no fortalecimento de algumas dessas conexões e enfraquecimento de outras.

Ainda citando Tewan e Briney [ 1965, p.213] , há uma outra escola, na qual ele se colocam os teóricos do campo, que acredita “no curso da aprendizagem alguma coisa como um mapa do campo se estabelece no cérebro do rato”. Deste ponto de vista, então a aprendizagem é entendida não só com mudança de comportamento observável resultante da prática esforçada, mas também como mudança de estrutura cognitiva (de conhecimento).

Tolman (1948) foi um dos principais psicólogos norte-americanos a defender a existência de uma aprendizagem latente (nome dado por Blodgett em 1929), a qual ele constatou com experimentos, realizados por Blodgett, Honzik, Spence, Lippitt e pelo próprio Tolman. O procedimento padrão consistia em permitir a um rato explorar um labirinto sem obter recompensa e depois colocá-lo numa tarefa de aprendizagem similar a de outro rato que jamais tinha explorado um labirinto. Neste caso, o desempenho correto era reforçado positivamente. Os experimentos deste tipo indicam que o rato que explorava um labirinto, mesmo obtendo recompensa, na posterior tarefa de aprendizagem, apresentava melhor desempenho.

Segundo Tolman [1948] (em termos metodológicos e teóricos), um behaviorista), não há como negar a formação de um mapa cognitivo, juntamente com a aquisição de respostas observáveis. E mais, o processo de formação de mapas cognitivos tem

um caráter seletivo: os estímulos são arranjados em ordem de importância e o rato não recebe e reage passivamente a todos os estímulos fisicamente presentes.

O trabalho de Tolman e colegas foi importante porque, se em ratos, considerados animais sensório-motores, com significantes áreas cerebrais associativas, formam-se mapas cognitivos, que não dizem de chimpanzés e seres humanos, cuja capacidade de trabalho cerebral é muito superior a dos pequenos roedores?

As críticas ao modelo mecanicista de Thorndike, Watson e outros partiram de psicólogos norte-americanos, como Yerkes e Tolman, e dos gestaltistas europeus, como Köhler, Koffka, Wertheimer e Lewin, os quais encerraram sua carreira nos Estados Unidos da América. Para este último, o importante na aprendizagem é a compreensão (“**insight**”) das relações entre os elementos de uma situação estimuladora e as respostas apresentadas.

Köhler (1925), que fez experimentos com macacos, enfatizou o “**insight**”, a compreensão súbita da situação, e Koffka[1925], voltado à Psicologia Infantil, realçou o papel da maturação, “competidor do condicionamento com fator do desenvolvimento do comportamento da criança” (apud Hildgard e Marquis, 1961, p. 26).

Num trabalho publicado em 1917, Köhler (apud Herrnstein e Boring, 1966, p. 71) afirmava que “o princípio da associação precisa mostrar com todo rigor o que entende pela apreensão de uma relação material interna entre duas coisas (mais universalmente, a aprendizagem da estrutura de uma situação). Aqui, *relação* significa uma interligação baseada nas propriedades das coisas, não uma simples seqüência entre uma e outra” ou uma “ocorrência ao mesmo tempo”.

Este problema é o primeiro que exige solução, pois são essas “relações” que representam a participação mais elementar em comportamento especificamente inteligente.

Não pode haver dúvidas de que tais relações, juntamente com outros fatores, regularmente determinem o comportamento dos chimpanzés.

Não são fatos como “sensações” as coisas semelhantes, ou elementos que podem ser mais associados; no entanto, pode-se provar de maneira muito definitiva (...) que por suas propriedades funcionais determinam em grau marcante o comportamento dos chimpanzés, seus processos interiores;[KÖHLER, 1917]. Ou a teoria da associação é capaz de explicar claramente as relações “menor que” “mais distante que”; “indicando diretamente para”; e assim por diante, de acordo com seus sentidos verdadeiros, como simples associações – e, se pode fazê-lo, tudo estará

bem – ou a teoria não pode ser usada como explicação, tal como ocorre, se não pode explicar tais fatores que são tão importantes para os chimpanzés (tanto quanto para o homem).

Nos últimos anos, a Psicologia, graças aos trabalhos de Piaget, Bruner, Ausubel e outros – como melhor se verá no capítulo dedicado à aprendizagem de conceitos – tem-se voltado mais à aprendizagem humana e suas particularidades. Desse modo, tem-se pesquisado bastante acerca das formas de assimilação de informações e estabelecimento de estratégias na solução de problemas. A aprendizagem, então, é vista mais como modificação de estruturas cognitivas, embora, de forma alguma, negue-se a atribuição das “correntes” associacionistas, dos vários modelos behavioristas.

Dentre os psicólogos cognitivistas, Bruner e Ausubel, ao lado de Piaget, são os mais conhecidos.

A aprendizagem humana tem as suas particularidades. Os seres humanos dispõem de um sistema de símbolos (palavras) que os animais não possuem e que lhes permite operar num nível qualitativo muito superior àquele dos animais, limitados a resolver problemas utilizando apenas reações motoras e imagens.

Portanto, podemos deduzir que certas aprendizagens humanas são similares às dos animais e que outras são específicas da nossa espécie. Que animais poderiam aprender as habilidades que aprenderam Mozart, Villa Lobos, Portinari, Van Gogh, Einstein, Santos Dumont, Guimarães Rosa, e tanto outros artistas e cientistas criativos?

(Lannoy Dorin 1978 .p. 51)

## **5. APRENDIZAGEM COMO OBJETO DE ESTUDO**

Qualquer um de nós é capaz de responder sem pestanejar à pergunta do tipo: O que você aprendeu hoje na escola? E sabemos também justificar nossas habilidades, por exemplo, escrever e ler, concertar alguma coisa ou dançar, dizendo que aprendemos. Usamos o termo “aprender” sem dificuldades, pois sabemos que somos capazes de fazer algo que antes não fazíamos, é porque aprendemos.

No entanto, para a Psicologia, o conceito de aprendizagem não é tão simples assim. Há diversas possibilidades de aprendizagem, ou seja, há diversos fatores que nos levam a apresentar um comportamento que anteriormente não apresentávamos, como o crescimento físico, descobertas, tentativas e erros, ensino, etc. Nós mesmos

temos uma amiga que sabe uma poesia inteira em francês, porque copiou dez vezes como castigo, há vinte anos atrás, e tem apenas uma vaga idéia do que está dizendo quando declama. Podemos dizer que ela aprendeu a poesia? Essas diferentes situações e processos não podem ser englobados num só conceito.

[Ana M. Bhaia Bock et alii – 1993]

E assim, a Psicologia transforma a aprendizagem em um processo a ser investigado.

São muitas as questões que têm sido respondidas pelos teóricos da aprendizagem: Qual o limite da aprendizagem? Qual a participação do aprendiz no processo? Qual a natureza da aprendizagem? Há ou não motivação subjacente ao processo? As respostas a essas questões têm originado controvérsias entre os estudiosos.

## 6. TEORIAS DA APRENDIZAGEM

Encontramos um número bastante grande de teorias da aprendizagem. Essas teorias poderiam ser genericamente reunidas em duas categorias: as teorias do conhecimento e as teorias cognitivas.

Aprendizagem é a conexão entre o estímulo e a resposta. Completada a aprendizagem, estímulo resposta estão de tal modo unidos, que o aparecimento do estímulo evoca a resposta.

No segundo grupo, estão as teorias que definem a aprendizagem como processo de relação do sujeito com o mundo externo e que tem conseqüência no plano da organização interna do conhecimento (organização cognitiva). A concepção de Ausubel, apresentada no livro *Aprendizagem Significativa – A Teoria de David Ausubel*, de Moreira e Massini [1982], que se enquadra neste grupo, diz que a aprendizagem é um elemento que provém de uma comunicação com o mundo e se acumula sob a forma de uma riqueza de conteúdos cognitivos. É o processo de organização de informações e integração do material pela estrutura cognitiva.

O indivíduo adquire assim um número crescente de novas ações como formas de inserção em seu meio.

A segunda refere-se à questão do que mantém o comportamento que foi aprendido.

## 7. CONTROVÉRSIAS BÁSICAS ENTRE ESSAS CONCEPÇÕES

De maneira geral, poderíamos apontar três controvérsias. A primeira refere-se à questão de que é aprendido e como é utilizado.

Para os teóricos do condicionamento, aprendemos hábitos, isto é, aprendemos a associação, entre um estímulo e uma resposta, e aprendemos praticando; para os cognitivistas, aprendemos a relação entre idéias (conceitos) e aprendemos abstraído de nossa experiência.

A segunda controvérsia refere-se à questão do que mantém o comportamento que foi aprendido.

Para os teóricos do condicionamento, o comportamento é mantido pelo seqüenciamento de respostas.

Explicando melhor, uma resposta é, na realidade, um conjunto de respostas. Quando falamos no comportamento de abrir uma porta, é fácil perceber que ele é composto de diversas respostas intermediárias: pegar a chave na posição certa para que ela entre na fechadura, encaixá-la na fechadura, virá-la corretamente e abaixar então a maçaneta. São essas diversas respostas que, reforçadas (bem sucedidas), preparam a etapa seguinte e mantêm a cadeia de respostas até que o objetivo do comportamento seja atingido.

Para os cognitivistas, o que mantém um comportamento são os processos cerebrais centrais, tais como a atenção e a memória que são integradores do comportamento.

A terceira controvérsia refere-se à maneira como solucionamos uma nova situação problema (transferência de aprendizagem).

Para os teóricos do condicionamento, evocamos hábitos passados apropriados para o novo problema e respondemos, quer de acordo com os elementos que o problema novo tem em comum com outros já aprendidos, quer de acordo com os aspectos da nova situação, que são semelhantes à situação já encontrada. Por exemplo, quando a criança aprende a dar laço nos sapatos, saberá dar laço em presentes, no vestido ou na fita do cabelo.

Os cognitivistas acreditam que, mesmo no caso de haver toda a experiência possível com as diversas partes do problema, como saber todas as etapas para dar um laço, isto não garante que a solução do problema seja alcançada. Seremos capazes de solucionar um problema se este for apresentado de uma forma, mas não de outra, mesmo que ambas as formas requeiram as mesmas experiências

passadas para serem solucionadas. De acordo com os cognitivistas, o método de apresentação do problema permite uma estrutura perceptual que leva ao “**insight**”, isto é, à compreensão interna das relações essenciais do caso em questão. Por exemplo, quando montamos um quebra-cabeça e “sacamos” o lugar de uma peça sem termos feito tentativas anteriormente.

## **8. ABORDAGENS SOBRE PROCESSOS DIDÁTICOS BÁSICOS**

### **8.1 ENSINO E APRENDIZAGEM**

A tarefa principal do professor é garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem através do processo de ensino. Ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo.

O professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem. Para compreender corretamente a dinâmica desse processo.

A condução do processo de ensino requer uma compreensão clara e segura do processo de aprendizagem: em que consiste, como as pessoas aprendem, quais as condições externas e internas que o influenciam.

Em sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos, pode levar a uma aprendizagem. Desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda.

Uma criança pequena aprende a distinguir determinados barulhos, aprende a manipular um brinquedo, aprende a andar. Uma criança maior aprende habilidades de lidar com as coisas, nadar, andar de bicicleta, etc. aprende a contar, a ler e escrever, a pensar, a trabalhar junto com outras crianças. Jovens e adultos aprendem processos mais complexos de pensamento, aprendem uma profissão, discutem problemas e aprendem a fazer opções, etc. As pessoas, portanto, estão sempre aprendendo em casa, na rua, no trabalho, na escola, nas múltiplas experiências da vida.

Aprendizagem Casual é quase sempre espontânea. Surge naturalmente da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem. Ou seja, pela convivência social, pela observação de objetos e acontecimentos pelo contato com os meios de comunicação, leitura, conversas, etc. As pessoas vão acumulando experiências, adquirindo conhecimentos formando atitudes e convicções.

Aprendizagem Organizada é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades normas de convivência social.

Embora isso possa ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas a condição específica para a transmissão e a assimilação de conhecimentos e habilidades. Esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem escolar é tarefa específica do ensino.

A aprendizagem escolar é, assim, um processo de assimilação de conhecimentos e modo de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito, nas suas relações com o ambiente físico e social, [Lanoy Dorn 1978].

Isto significa que podemos aprender conhecimentos sistematizados (fatos, conceitos, princípios, métodos de conhecimento, etc.) habilidades e hábitos intelectuais e sensório-motores (observar um fato e extrair conclusões, destacar propriedades e relações das coisas, dominar procedimentos para resolver exercícios, escrever e ler, uso adequado dos sentidos, manipulação de objetos e instrumentos, etc.), atitudes de valores (por exemplo, perseverança e responsabilidade no estudo, modo científico de resolver problemas humanos, senso crítico frente aos objetos de estudos e à realidade, espírito de camaradagem e solidariedade, convicções humanas e sociais, interesse pelo conhecimento, modos de convivência social, etc.).

Esses resultados fazem parte dos objetivos e conteúdos do ensino, embora saibamos que as crianças aprendem também independentemente do ensino sistematizado..

No processo de ensino estabelecemos objetivos, conteúdos e métodos, mas a assimilação deles é consequência da atividade mental dos alunos.

Conhecimentos, habilidades, atitudes, modos de agir, não são coisas físicas que podem ser transferidas da cabeça do professor para a cabeça da criança. A aprendizagem efetiva acontece quando, pela influência do professor, são motivadas as atividades físicas e mentais, próprias das crianças no estudo das matérias. É o que denominamos de processo de assimilação ativa.

## 8.2. O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO ATIVA [LANOY DORIN – 1978]

Entendemos por assimilação ativa ou apropriação de conhecimentos e habilidades o processo de percepção, compreensão, reflexão e aplicação que se desenvolve com os meios intelectuais, motivacionais e atitudinais do próprio aluno, sob orientação e direção do professor.

O processo de assimilação ativa é um dos conceitos fundamentais da teoria da instrução e do ensino. Permite-nos entender que o ato de aprender é um ato de conhecimento pelo qual assimilamos mentalmente os fatos, fenômenos e relações do mundo, da natureza e da sociedade, através do estudo das matérias de ensino. Nesse sentido, podemos dizer que a aprendizagem é uma relação cognitiva entre o sujeito e os objetos de conhecimento.[Lanoy Dorin- 1978]

Há uma atividade do sujeito em relação aos objetos de conhecimento para assimilá-los, ao mesmo tempo, as propriedades do objeto atuam no sujeito, modificando e enriquecendo suas estruturas mentais. Por esse processo, formam-se conhecimentos e modos de atuação pelos quais ampliamos a compreensão da realidade para transformá-la, tendo em vista necessidades e interesses humanos e sociais.

Para que se realize na escola o processo de assimilação ativa e de novos conhecimentos e, por meio deles, o desenvolvimento das forças cognitivas dos alunos, é preciso a ação do professor, isto é, o ensino e seus componentes: objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas.

Em síntese, temos nas situações didáticas, fatores externos e internos mutuamente relacionados.

O professor propõe objetivos e conteúdos, tendo em conta características do aluno e da sua prática de vida. Os alunos, por sua vez, dispõem em seu organismo físico de meios internos de assimilação ativa, meios esses que constituem o conjunto de suas capacidades cognitivas, tais como: percepção, motivação, compreensão, memória, atenção, conhecimento já disponíveis.

Nenhuma criança nasce com essas capacidades cognitivas prontas e acabadas. Elas vão se desenvolvendo no decorrer da vida e particularmente, no decorrer do processo de ensino, pois podem ser aprendidas no processo de assimilação de conhecimentos.

### 8.3. OS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Os meios internos pelos quais o nosso organismo psicológico apresenta são bastante complexos.

Segundo[ Helgard E.R. 1973 p. 17]. Esquemáticamente podemos dizer que há dois níveis de aprendizagem humana: **o reflexo** e **o cognitivo**. O nível reflexo se refere às nossas sensações pelas quais desenvolvemos processos de observação e percepção das coisas e nossas ações motoras (físicas) no ambiente. Estas aprendizagens são responsáveis pela formação de hábitos sensório-motores e são as que predominam na fase inicial de desenvolvimento da criança (por exemplo, agarrar objetos, distinguir cores, formas e sons, andar, etc.).

Muitas delas são obtidas de forma automática e inconsciente. Esse nível de aprendizagem continua ocorrendo durante toda a vida humana.

Entrelaçado com o nível reflexo, o nível cognitivo se refere à aprendizagem de determinados conhecimentos e operações mentais, caracterizada pela apreensão consciente, compreensão e generalização das propriedades e relações essenciais da realidade, bem como pela aquisição de modos de ação e aplicação referentes a essas propriedades e relações.

No nível cognitivo, os indivíduos aprendem tanto em contato direto com as coisas do ambiente quanto com as palavras que designam coisas e fenômenos do ambiente. Isso significa que, como instrumentos da linguagem, as palavras constituem importantes condições para a aprendizagem, pois formam a base dos conceitos com os quais podemos pensar.

### 8.4. MOMENTOS INTERLIGADOS DO PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO

O desenvolvimento das forças cognitivas na sala de aula se verifica no processo de assimilação ativa de conhecimentos. Frente a determinado objetivo de ensino – por exemplo, os seres vivos, a vida na cidade e no campo – a primeira atividade é a observação sensorial das coisas, propriedades, semelhanças e diferenças que as distinguem externamente.

As situações didáticas devem ser organizadas para o aluno perceber ativamente o objeto de estudo, seja de forma direta (ações físicas com as coisas da ambiente, ilustrações, demonstrações), seja de forma indireta pelo uso das palavras.

A transformação da percepção ativa para um nível mais elevado de compreensão implica a atividade mental de tomar os objetos e fenômenos, para ir formando idéias e conceitos mais claros e mais amplos. Não se trata de uma etapa separada da anterior, mas de uma transformação e um aprimoramento das primeiras percepções que, agora, passam pela análise e síntese, pela abstração, generalização e sistematização. Neste processo, a atividade mental evolui da apreensão do conteúdo da matéria na sua forma visível exterior, para a “idéia” do conteúdo, de modo que o conteúdo visível se transforma num conteúdo do pensamento. Em outras palavras, a criança vai, gradativamente, desprendendo-se da coisa concreta do ambiente para torná-la uma coisa pensada. Neste momento, o aluno pode operar mentalmente com os conteúdos assimilados.

O processo se completa com as atividades práticas em várias modalidades de problemas e exercícios, nos quais se verifica a consolidação e a aplicação prática de conhecimentos e habilidades. Não se quer dizer com isso que nos outros momentos não haja atividades práticas, mas que o processo de assimilação ativa culmina com a consolidação e aplicação.

O aspecto fundamental a considerar é que o processo interno de desenvolvimento mental é um todo que não pode ser decomposto em elementos isolados, isto quer dizer que o sistema cerebral é composto de várias partes que juntamente operam para que este sistema tenha resultados satisfatórios e esperados, é um complexo holístico.

Os momentos apenas se diferenciam no sentido de que a compreensão mais elevada do objeto de estudo passa por um movimento ascendente, na qual a percepção ativa dos objetos e fenômenos vai transformando-se em conceitos sistematizados para serem assimilados. Mas, em cada momento do processo de desenvolvimento mental, estão presentes a percepção sensorial, as atividades mentais e as atividades práticas.

Deve-se alertar que, ainda que nem sempre, é necessário iniciar o processo de assimilação pela atividade perceptiva, material, concreta (manipular objetos, examinar, observar, representar graficamente objetos e fenômenos, etc.). Há situações de ensino em que os alunos já possuem conceitos e operações mentais, bastando avisá-los e recordá-los. Por isso, é importante que o professor tenha perspicácia para captar as características específicas de cada situação didática.

Nos vários momentos do processo de assimilação ativa, em qualquer das séries escolares, há um permanente entrelaçamento entre a atividade mental e a

linguagem, pois esta é como que o instrumento que traduz por meio das palavras, os objetos e fenômenos, suas relações e a “idéia” desse objeto.

HILDGARD -[ 1973], afirma que na sala de aula, predomina a via indireta de ensino, ou seja, o professor e os alunos trabalham com conceitos já elaborados, com representações verbais do professor, ou o texto do livro didático.

## 9. TEORIA COGNITIVISTA DA APRENDIZAGEM

Desenvolveremos alguns conceitos básicos dessa abordagem através da teoria de David Ausubel-[1980].

Por exemplo, quando precisamos ensinar a criança a noção de sociedade, podemos levá-la a dar uma volta no quarteirão e observar com ela tudo o que lá existe. A criança atribuirá significados aos elementos dessa experiência e poderá, posteriormente, compreender a sociedade.

### 9.1. VARIAÇÕES DA APRENDIZAGEM COGNITIVA

O processo de organização das informações e de interação do material à estrutura cognitiva é o que os cognitivistas denominam de APRENDIZAGEM.

A abordagem cognitivista diferencia a aprendizagem mecânica da aprendizagem significativa.

- a) **Aprendizagem Mecânica:** refere-se à aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação com conceitos já existentes na estrutura cognitiva. Há pessoas que sabem cantarolar na integra uma música em alemão?[ É um exemplo deste tipo de aprendizagem, pois o conteúdo não se relaciona com nada que ela já possuísse em sua estrutura cognitiva (por isso, ela não entendia o que dizia, apenas a sabia de cor). O conhecimento assim adquirido fica arbitrariamente distribuído na estrutura cognitiva, sem se ligar a conceitos específicos.A aprendizagem é mecânica e não dedutiva.
- b) **Aprendizagem Significativa:** processa-se quando um novo conteúdo (idéias ou informações) relaciona-se com os conceitos relevantes, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo assim assimilado por ela. Estes conceitos disponíveis são os pontos de ancoragem para a aprendizagem. Por exemplo, nós estamos aqui apresentando a vocês um novo conceito de aprendizagem significativa. Para que este conceito seja assimilado por sua estrutura cognitiva, é necessário que a

noção de aprendizagem apresentada pelos cognitivistas já esteja lá, como ponto de ancoragem. E esta nova noção de aprendizagem significativa, sendo assimilada, servirá de ponto de ancoragem para o conteúdo que se seguirá.

## 9.2. OS PONTOS DE ANCORAGEM

Os pontos de ancoragem são formados com a incorporação, à estrutura cognitiva, de elementos (informações ou idéias) relevantes para a aquisição de novos conhecimentos e com a organização destes, de forma a, progressivamente, generalizarem-se formando conceitos. Por exemplo, crianças pequenas podem, inicialmente, ter contato com sementinhas, que, plantadas num canteiro, surgem como folhinhas; ter contatos com animais; e ainda ter contatos com pedras e areia da rua. Estes contatos podem ser explorados até que as crianças tenham condições cognitivas para perceber as diferenças entre os seres vivos, vegetais e animais e seres inanimados. A partir da aquisição destas noções básicas, as crianças estarão aptas a aprender outros conteúdos e a diferenciar e categorizar os diferentes seres. Podemos então dizer que as noções de seres vivos e não vivos são pontos de ancoragem para outros conhecimentos.

O exemplo acima poderá dar a impressão de pontos de ancoragem apenas na aprendizagem realizada por crianças. Não falamos de aprendizagem significativa e de pontos de ancoragem sempre que algum conteúdo novo deva ser aprendido. Assim, na disciplina de Física, com certeza seu professor trabalha inicialmente a noção de energia e/ou eletricidade, para desenvolver os outros conteúdos que supõem compreensão desses conceitos.

E, indo um pouco mais além, podemos dizer que não estamos falando apenas de aprendizagem que se dá na escola. Pense em alguém que nunca tenha visto, nem ouvido falar de jogo de futebol, isto é, não tenha pontos de ancoragem para as informações que lhe chegam através da televisão numa transmissão de um jogo de futebol. Com certeza, não entenderá nada, ou, aos poucos, com base em informações que possuam outros jogos, ele começará a organizar as informações recebidas, vindas mesmo a entender o que se passa.

## 9.3. UMA TEORIA DE ENSINO: BRUNNER

A partir de concepções, como esta de Ausubel, sobre o processo de aprendizagem, alguns teóricos desenvolveram teorias sobre o ensino, procurando discutir e sistematizar o processo de organização das condições para a aprendizagem.

Entre esses teóricos, ressaltaremos a contribuição de BRUNER.[1971].

Bruner [1971 p.81] concebeu o processo de aprendizagem com “captar as relações entre os fatos”, adquirindo novas informações, transformando-as e transferindo-as para novas situações. Partindo daí, ele formulou uma teoria de ensino.

O ensino, para Bruner,[1971] envolve a organização da matéria de maneira eficiente e significativa para o aprendiz. Assim, o professor deve preocupar-se não só com a extensão da matéria, mas principalmente com sua estrutura.

#### 9.4. A ESTRUTURA DA MATÉRIA

A aprendizagem, que deve ser sempre capaz de nos levar adiante, está na dependência de como se domina a estrutura da matéria estudada, isto é, a natureza geral dos fenômenos; as idéias mais gerais elementares e essenciais da matéria. Para se garantir este “ir a diante”, é necessário ainda o desenvolvimento de uma atitude de investigação.

Para se dar conta do primeiro aspecto (estrutura da matéria), Bruner propõe que os especialistas nas disciplinas auxiliem a estruturar o conteúdo de ensino a partir dos conceitos mais gerais e essenciais da matéria e, a partir daí, desenvolvam-no como uma espiral, sempre dos conceitos mais gerais para os particulares, aumentando gradativamente a complexidade pela noção de energia; em Psicologia pela noção de vida psíquica; em História, pelas noções de Homem, Natureza e Cultura.

Quanto à atitude de investigação, Bruner sugere que se utilize o método de descoberta como método básico do trabalho educacional. O aprendiz tem plenas condições de percorrer o caminho de descoberta científica, investigando, fazendo perguntas, experimentando e descobrindo.

Bruner [1971] ainda postula que “qualquer assunto pode ser ensinado com eficiência”, de alguma forma intelectualmente honesta, a qualquer criança, em qualquer estágio de desenvolvimento. Para que isto seja possível, é necessário que o professor apresente a matéria à criança em termos de visualização que ela tem

das coisas. Isto é, a criança poderá aprender qualquer coisa, se a linguagem do professor lhe for acessível e se seus conhecimentos anteriores lhe possibilitarem a compreensão do novo conteúdo. O trabalho do professor é um verdadeiro trabalho de tradução: da linguagem da ciência para a linguagem da criança. Para isto Bruner propõe que o professor se utilize da teoria de Piaget [1983]], onde as possibilidades e limites da criança em cada fase do desenvolvimento estão claramente definidos.

Bruner e Piaget podem auxiliar muito o professor na organização de seu ensino, mas será sempre necessário que o professor conheça a realidade de seu aluno, sua classe social, suas experiências de vida, suas dificuldades, a realidade de sua família, etc., para que o programa possa ter algum significado e importância para ele, isto é, não basta conhecê-lo concretamente.

## 9.5. MOTIVAÇÃO

A motivação continua sendo um complexo tema em Psicologia e particularmente para as teorias de aprendizagem e ensino. Atribuímos à motivação tanto a facilidade quanto à dificuldade para aprender. Atribuímos às condições motivadoras o sucesso ou fracasso dos professores ao tentar ensinar algo aos seus alunos. E apesar de dificilmente detectarmos o motivo que caracteriza algum tipo de comportamento, sabemos sempre há algum.

O estudo da motivação considera três tipos de variáveis:

1. **O ambiente**
2. **As forças internas ao indivíduo**, como necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso e instinto;
3. **O objeto** que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza.

A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Na motivação está também incluído o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. E, por fim, na motivação

está incluído o objeto que aparece como possibilidade de satisfação da necessidade.

Podemos dizer que a motivação é um processo que relaciona necessidade, ambiente e objeto, e que predispõem o organismo para a ação em busca da satisfação da necessidade. E quando esse objeto não é encontrado falamos em frustração.

## 9.6. PROJETO PESSOAL DO ALUNO E A GESTÃO DA APRENDIZAGEM

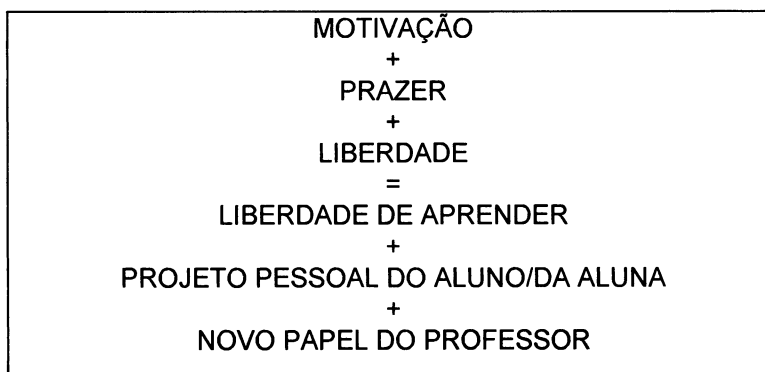
O primeiro recurso do ato de aprender é a motivação. É a partir dela que todo o processo de aprendizagem deslancha. A motivação toma diferentes formas e apresenta distintos graus de intensidade. Esta variação, segundo alguns autores, está condicionada pela intensidade de envolvimento que proporcionam a **curiosidade, o objetivo, o desejo de identificação.**

MARTIN e SAVARY (1996), dois professores franceses, acrescentam a motivação, mais dois recursos, a saber: o **prazer e a liberdade.**

Todos estes conceitos devem levar o professor a considerar:

- A liberdade de aprender;
- O projeto pessoal do aluno;
- E o respectivo papel do professor na gestão de sua aprendizagem.

É a partir de todos esses conceitos que se pode pretender construir a **felicidade do aluno** na escola.



MARTIN e SAVARY (1996)

## 9.7. MOTIVAÇÃO E O PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM

A motivação está presente como o processo em todas as esferas de nossa vida, no trabalho, no lazer, na escola, etc.

A preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais que o aluno “fique a fim” de aprender. Sem dúvida não é fácil, pois acabamos de dizer que precisa haver

uma necessidade ou desejo, e o objeto precisa surgir como solução para a necessidade. Duplo desafio: criar a necessidade e apresentar um objeto adequado para a satisfação.

Resolver este problema é, sem dúvida, a tarefa mais difícil que o professor enfrenta. Consideraremos abaixo alguns pontos:

- a) Uma possibilidade é que o trabalho educacional parta sempre das necessidades que o aluno já traz, introduzindo ou associando a elas outros conteúdos ou motivos;
- b) Outras possibilidades, não excludentes, são criar novos interesses no aluno.

#### **E como podemos pensar em criar interesses?**

- 1) Proporcionando a descoberta. Bruner é defensor desta proposta. O aluno deve ser desafiado, para que deseje saber, e uma forma de criar este interesse é dar a ele a possibilidade de descobrir;
- 2) Desenvolver nos alunos uma atitude de investigação, uma atitude que garanta o desejo mais duradouro de saber, querer saber sempre. Desejar saber deve passar a ser um estilo de vida. Esta atitude pode ser desenvolvida com atividades próximas ao aluno, sua vida cotidiana, os objetos que fazem parte de seu mundo físico e social. Essas observações sistematizadas geram dúvidas (porque as coisas são como são?) e aí, é preciso investigar, descobrir;
- 3) Falar ao aluno sempre numa linguagem acessível, de fácil compreensão;
- 4) Os exercícios e tarefas deverão ter um grau adequado de complexidade. Tarefas muito difíceis, que gerem fracasso, e tarefas fáceis, que não desafiam, levam à perda de interesse. O aluno não “fica a fim”;
- 5) Compreender a utilidade do que está aprendendo é também fundamental. Não é difícil para o professor estar sempre retomando em suas aulas a importância e utilidade que o conhecimento tem e poderá ter para os alunos. Somos sempre “a fim” de aprender coisas que são úteis e têm sentido para nossa vida.

## **10. APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO**

Não poderíamos terminar este capítulo sem apresentar alguns elementos da sobre o processo de aprendizagem, pois sua constatação de que os problemas

encontrados na análise psicológica do ensino não podem ser corretamente resolvidos, ou mesmo formulados, sem nos referirmos à relação entre o aprendizado e o desenvolvimento.

Vigotski considera que essa relação tem sido vista de três maneiras, das quais discorda.

A segunda concepção postula que a aprendizagem é desenvolvimento. O desenvolvimento é visto como aprendizado de hábitos e condutas. O desenvolvimento é a acumulação de respostas possíveis. Aqui, aprendizagem e desenvolvimento coincidem em todos os pontos. Incluem-se aqui as teorias do conhecimento.

Uma terceira posição, que procura combinar as outras duas entende que o desenvolvimento se baseia em dois processos diferentes, embora relacionados, e que cada um influencia o outro (maturação, que depende do desenvolvimento do sistema nervoso) aprendizado. Aqui, desenvolvimento e aprendizagem não coincidem, sendo o primeiro um conjunto maior que o segundo, de forma que, ao dar um passo no aprendizado, a criança dá dois no desenvolvimento.

Para Vigotski, de fato, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança. Há entre esses dois processos uma unidade, mas não uma identidade ou consciência. Para ele, o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizagem.

Esses princípios vieram modificar a visão tradicional, mas ainda amplamente aceita, de que, no momento em que a criança assimila ou domina algum conhecimento – significado das palavras ou operações matemáticas – seus processos de desenvolvimento estão basicamente completos. Para Vigotski, naquele momento eles apenas começaram, isto é, o domínio desses conteúdos fornece para o desenvolvimento subsequente de vários processos internos altamente complexos no pensamento da criança o aprendizado torna-se aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas. O aprendizado adequadamente organizado, portanto, resulta em desenvolvimento mental e põem em movimento processos que seriam impossíveis de acontecer.

Para Vigotski, um aspecto essencial do aprendizado é o fato de que desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança já sabe, ou seja, seu desenvolvimento mental consolidado.

Vigotski propõe que se considerem também, nessas avaliações, as funções que ainda não amadureceram, que estão em maturação, ou seja, que se veja o desenvolvimento mental também de maneira prospectiva. Aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda dos outros pode ser, de alguma maneira, indicativo de seu desenvolvimento.

Vigotski postulou, assim, o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real que se costuma determinar através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros.

A zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato das crianças e seu estado dinâmico de desenvolvimento, o que traz ao trabalho do professor enormes vantagens. Aliás, Vigotski acredita que essa noção, de zona de desenvolvimento proximal, já está presente no bom senso do professor, quando planeja seu trabalho.

O aprendizado orientado para os níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança, pois não se dirige para o novo estágio do processo do desenvolvimento, mas, ao invés disso, caminha a reboque desse processo. Essa noção de zonas de desenvolvimento proximal modifica a visão do aprendizado, postulando que o bom “aprendizado” é somente aquele que se antecipa ao desenvolvimento.

Na visão de Vigotski, o processo ensino-aprendizagem tem um grande valor, pois se compõem de conteúdos organizados e transmitidos numa relação social que tem como finalidade o desenvolvimento das capacidades humanas e, portanto, a integração do homem em sua cultura e em sua sociedade.

O ensino deve estar voltado para a compreensão. Compreensão das relações entre os fatos e entre as idéias, única forma de garantir a transferência do conteúdo aprendido para as novas situações. Este princípio geral norteia a proposta do ensino até no que diz respeito ao trabalho com erro do aprendiz. O erro deve ser instrutivo. O professor deverá constituir com o aprendiz o caminho de seu raciocínio, para encontrar o momento do erro e, a partir daí reconduzi-lo ao raciocínio correto.

## **11. A TRANSFERÊNCIA DA APRENDIZAGEM**

Ao estabelecer o currículo de um curso, os professores esperam que os conhecimentos, o trabalho e o treino que os alunos adquirirem numa disciplina

possam ser transferidos a outras. Se a aprendizagem é específica, ela tem pouca utilidade; se um aluno aprende a resolver um problema e os conhecimentos adquiridos só servirão para resolver esse problema, a sua aprendizagem pouco lhe servirá na prática.

Como se vê, a transferência consiste na influência do progresso, da melhora do exercício de um órgão, ou capacidade, sobre outro órgão, ou capacidade não exercitado ou explorado anteriormente. A aquisição de um hábito, por exemplo, pode favorecer, por transferência, a aquisição de outros hábitos.

Quando uma aprendizagem ou treino favorece novas aprendizagens ou treinos, dizemos que a transferência foi positiva; quando uma aprendizagem ou treino prejudica novas aprendizagens, dizemos que ela foi negativa.

Para fazerem afirmações como a citada acima, os pedagogos se baseavam em algumas deduções hoje consideradas falsas. Uma delas era de que a alma possuía faculdades (atenção, memória, inteligência, intuição, vontade); outra era a de que algumas matérias podiam disciplinar separadamente essas faculdades; outra ainda, era de que a melhoria numa faculdade sempre produzia melhoria em outra.

Coube ao empirista inglês John Locke [1698] sistematizar essa doutrina, substituindo o termo faculdades por poder. Dizia ele que para um homem desenvolver o poder de raciocinar, deveria de qualquer modo treinar a mente desde pequeno.

Herbart (1776-1841) criticou a teoria da disciplina formal.. Mas foi William James quem, efetuando mais de 200 testes, por volta de 1890, atacou de forma mais agressiva essa teoria da disciplina formal. Pragmatista que era, achava que só deveríamos ensinar às crianças aquilo que elas podiam utilizar.

Em 1928, Orata concluía que em 107 experimentos a transferência positiva havia ocorrido em 89%. Dessa época pra cá, ninguém mais põe em dúvida que tanto os medievais quanto William James estavam errados: a transferência é menor do que supunham os escolásticos e Locke, e maior do que supunha James. O que hoje se discute são as condições em que ela deve ocorrer e quais os métodos de ensino e treino que melhor auxiliam os estudantes a transferirem suas aprendizagens.

Thorndike e Woodworth em 1901, utilizando grupos que eram treinados em leitura e geometria, efetuaram vários experimentos e concluíram que havia transferência quando uma nova situação possuía elementos idênticos aos daquelas situações que havia levado a pessoa aprender. Thorndike deu o nome de lei da

analogia à tendência de resolvermos uma situação nova com as respostas utilizadas em situações anteriores. Woodworth, porém, era de opinião que havia a transferência nos casos de realizações concretas.

### **A teoria de generalização do estímulo, de Pavlov**

Na teoria anterior, vimos que o indivíduo apresenta as mesmas respostas para duas similares. Há casos, porém em que existe a transferência de respostas pela generalização de um estímulo e não pela identidade entre situações. Uma criança pode apresentar em lares diferentes, a diferentes velhos, a mesma resposta por ter discriminado o cabelo branco. Todo homem com cabelo branco será chamado de “vovô”. No primeiro dia de aula no ginásio, um aluno da segunda série pode se comportar perante um novo professor, como se comportava ante o seu anterior, pelo fato de os dois usarem terno e gravata.

### **A teoria da generalização de princípios**

Pesquisas de Judd, em 1908, haviam revelado que os estudantes transferiram os princípios que aprendiam na escola. Wertheimer 1972 e os gestaltistas provaram que havia a transferência de princípios somente quando os alunos compreendiam o que estudavam. Ocorria então, uma transposição de idéias organizadas em esquemas.

### **A transferência de técnicas**

Estudos feitos por inúmeros psicólogos revelaram também que os alunos usavam as mesmas técnicas, os mesmos métodos, as mesmas estratégias que tinham aprendido com os professores, quando os problemas que tinham que resolver, eram semelhantes àqueles solucionados na escola.

Este é o tipo de transferência mais fácil de ser conservado na prática educativa. Na qualidade de professor de Prática de Ensino da Escola Elementar, o professor, com muita tristeza, observava que seus alunos cometiam os mesmo erros didáticos que caracterizavam as suas piores aulas.

Todo professor, ciente desse fato, deve utilizar as técnicas mais simples e mais eficientes na resolução dos problemas e exercícios apresentados, em sala de aula regulares.

Essas teorias permitem deduzir que os alunos também transferem expectativas e atitudes. Ainda hoje, os professores de matemática encontram pessoas que dizem detestar matemática.,.

Como o estudante identifica o que aprende com a pessoa que o ensina; como ele associa o que o professor faz com a disciplina, as atitudes aversivas, em relação à matemática, por exemplo. São produtos da transferência de atitudes negativas para com alguns professores dessa disciplina.

Se os alunos não tiverem qualquer noção sobre transferência da aprendizagem, provavelmente sua aprendizagem será específica e terão pouca utilidade na resolução de problemas fora da sala de aula.

LANOY DORIN: *Enciclopédia de Psicologia Contemporânea –[1984]*  
Psicologia Aplicada à Educação pp.69-73 – Livraria Editora  
Iracema Ltda.  
Rua Topázio, 863 – São Paulo - SP.

## **12. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA- A BASE DE TODA A INICIAÇÃO DA APRENDIZAGEM SISTEMATIZADA**

### **12.1 LER É PREVER, PENSAR, INTERAGIR.**

Ler é o processo dinâmico no qual o leitor e o autor interagem mediados pelo texto. Quando alguém lê, tem possibilidades de inferir dados e situações, refletindo após o ato de ler.

Através da leitura, o leitor pode entrar no texto, colocando-se no lugar do personagem, identificando-se com ele. À medida que a leitura acontece, o leitor pode analisar o que é provável e deixar de lado aquilo que é improvável, favorecendo desta maneira a compreensão do texto. O leitor dá sentido ao texto, pois, a partir das suas experiências de vida, da sua visão de mundo, ele estabelece

várias relações, completando os vazios deixados pelo autor. Pela leitura há uma interação entre autor e leitor que promovem uma conversa sobre um tema e completam-se a partir de suas experiências. Deste modo, autor e leitor tornam-se cúmplices: um precisa do outro para que haja a concretização do ato de ler.

Quando estamos conversando, muitos elementos estão envolvidos nesse ato; pois além das palavras que articulamos, usamos a gesticulação, expressão fisionômica, entonação da voz, repetições, perguntas que dão significados à fala. Portanto, a interação que acontece entre o texto escrito é diferente daquela estabelecida entre pessoas que estão envolvidas numa situação de fala, ou seja, de pessoas que estão conversando.

No ato de ler, o leitor se depara com palavras que foram escritas por alguém que não está presente; sendo assim, o autor não pode completar informações, provando que o texto também age sobre o sistema cognitivo do leitor que, quando realiza a leitura, deve complementar o texto acrescentando informações, precisará dos próprios conhecimentos para que possa compreender o texto e interagir com ele.

Os textos possibilitam inúmeras leituras, isto é, duas pessoas podem compreendê-los de forma diferente porque seus conhecimentos, experiências e ponto de vista diferem; cada um tem um jeito específico de compreender, analisar e refletir sobre aquilo que lê. Deste modo, alguém, quando lê, pode discordar, alterar, transformar ou confirmar um ponto de vista, uma idéia, uma posição, tornando o texto lido mais claro e exato.

Duas pessoas, lendo o mesmo texto, podem entender mensagens diferentes: seus esquemas cognitivos são diferentes.

Se a leitura é uma intenção, precisamos identificar, na sala de aula, a finalidade da leitura. Conhecendo esta finalidade, podemos entender sua importância. A sua necessidade, para que ela deixe de ser trabalhada como um ato mecânico sem sentido, sem objetivo.

## 12.2 LER: UMA INCÓGNITA A SER ESCLARECIDA

No processo de leitura, qual seria a função da Escola? Certamente, a função da Escola é valorizar a leitura, elegendo-se como atividade fundamental que possibilita a formação integral do aluno. O melhor que a Escola pode oferecer deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não consegue pelo sucesso no assimilar

conteúdos de outras atividades, mas consegue dominar os requisitos necessários para que atue com um bom leitor; a escola já terá cumprido uma grande parte de sua tarefa.

Ler não significa apenas decifrar códigos; a leitura é muito mais que isto. É uma extensão da escola na vida das pessoas. As conquistas das vidas humanas estão relacionadas com a leitura realizada no ambiente que se situa fora da Escola, em suma, a forma de ser e viver de uma pessoa identifica-se com a leitura que ela faz do mundo em que vive.

Muitos alunos não conseguem estabelecer um bom relacionamento com a Matemática e atribuem a essa disciplina as dificuldades que encontram no fato de não saber calcular nem desenvolver um raciocínio lógico; sequer imaginam que o problema reside na falta de capacidade de dominar uma leitura diversificada; sabem ler somente textos literários e jornalísticos, não sabem interpretar enunciados de problemas. Podem adquirir competências, como somar, dividir, multiplicar, porém encontrar empecilhos ao manipular números; não sabem exatamente o que fazer com eles; não conseguem estabelecer uma relação desses números com a realidade a que se referem.

Os alunos não foram preparados para ler números, relações quantitativas, problemas matemáticos; estão moldados a um único tipo de texto. A Escola privilegia a leitura superficial, estimula o simples decifrar de códigos e evita a diversidade de textos; prefere trabalhar com livros didáticos que já trazem propostas prontas, textos que, muitas vezes, impedem uma relação do aluno com a realidade em que vivem, ou seja, totalmente descontextualizados.

Nesta situação, de quem é a culpa?

O professor pensa que nenhuma ligação existe entre disciplinas diferentes, como Português e Matemática, não consegue perceber qualquer ligação entre elas, julga que uma disciplina independe da outra como compartimentos totalmente estanques, que ler e interpretar um texto são atividades restritas à área de Língua Portuguesa. E, assim, explicações extremamente importantes e que envolvem questões, interdisciplinares não são oferecidas, as crianças permanecem sem respostas, e mais, a Escola continua exigindo delas competência e rapidez para a resolução de assuntos que nem o professor consegue entender e explicar.

Há alunos que estudam muito, fazem as provas e não conseguem resultados satisfatórios. Por que isso ocorre?

Justamente porque o professor sequer imagina que tais condições devem ser trabalhadas em sala de aula. As dificuldades de entender o que o professor solicita residem justamente nessa lacuna, na ausência desse trabalho, que não se restringe ao simples exercício de questões formuladas a respeito de um determinado assunto de uma dada disciplina. Cabe à Escola dar ao aluno oportunidade de vivenciar formas de leitura diversificada, nunca restrita apenas a textos literários e às que o noticiário oferece.

Os objetivos que levam alguém a ler são os mais diversos; a leitura evidencia um ato individual por excelência; duas pessoas muito dificilmente farão leitura idêntica de um mesmo texto. Um leitor, no ato de ler, interioriza os conhecimentos, tece reflexões sobre eles e assimila-os de forma individualizada.

Portanto, a Escola deve criar condições para que os alunos leiam; caso contrário, deverá ser responsabilizada pelo seu próprio fracasso, já que não consegue descobrir o que tem de melhor a oferecer em Educação.

### **13. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA APRENDIZAGEM DA ESCRITA**

Saber escrever é mais do que conhecer as letras do alfabeto ou saber as regras de como escrever bem. A atividade da escrita é complexa e vai além do reconhecimento e da combinação de códigos. Há muito tempo a Escola privilegia o ensino da Língua Portuguesa dirigido para a escrita, chegando a ponto de se preocupar mais com a “aparência” da escrita do que com aquilo que ela realmente faz e representa.

As pessoas têm necessidade de expressar seus pensamentos, sentem a necessidade de serem compreendidas, de se fazer entender. Normalmente, a fala é que tem esse papel de transmitir nossas idéias, porém, em certas situações, precisamos da escrita para registrar essas idéias. Através da escrita manifestamos parte do que está na nossa mente, ou seja, damos formas às idéias, tornamo-las viáveis.

Quando construímos um texto, estamos exteriorizando nossos pensamentos, transformando um significado em forma. A escrita permite tornar algo privado em público, pois os conhecimentos que estão na nossa mente podem ser conhecidos.

No início, a criança encontra dificuldades para expressar-se através da escrita, mas a criança, vai, aos poucos, se apropriando de esquemas lingüísticos e motores que possibilitarão um maior domínio da escrita.

Quando somos indagados sobre alguma coisa e não sabemos responder porque a conhecemos de forma vaga e não conseguimos traduzir em fala, dizemos que esse conhecimento está no plano do **pensamento**. Porém, é possível que saibamos explicar de acordo com os nossos conhecimentos, mas não conseguiremos conceituá-los através da escrita, então dizemos que o conhecimento está no plano da **fala**.

Quando conhecemos um conteúdo e conseguimos explicá-lo por escrito, então situamo-lo no plano da **escrita**.

#### **14. ESCRITA: MUITAS POSSIBILIDADES**

Um poema não é um escrito da mesma forma como uma receita de bolo, portanto, mesmo que a criança não domine o mecanismo da escrita, nós, como professores, podemos trabalhar a linguagem escrita com os nossos alunos, pois escrever é entender a função social da escrita e vê-la como mais um meio de comunicação da comunicação que podemos utilizar diariamente.

É muito comum, no início do ano letivo, os professores pedirem aos alunos elaborarem uma redação com o título “Minhas Férias”. A escrita dentro da Escola é vista como um processo mecânico através do qual as crianças produzem textos sem significados reais, ou seja, as crianças escreverem sem motivo algum. As atividades escritas são meros exercícios de escrever. O ato de leitura e escrita são tão comuns no nosso dia-a-dia que não percebemos que nem todas as pessoas lêem ou escrevem da mesma forma que nós. Escrever para muitos pode se resumir apenas assinar seu nome ou então redigir listas de palavras, para outros pode se resumir a uma anotação de recados. Por isso, muitos alunos podem achar que a Escola propõe atividades inúteis, indesejadas e estranhas para quem vive num universo no qual a escrita ocupa lugar restrito. Porém, existem pessoas que, desde cedo estão em contato com um universo muito maior, pois estão envolvidos no meio de revistas, jornais, livros e costumam achar que as atividades de escritas que a Escola propõe constituem uma comunidade daquilo que já vem de casa. Por isso, temos que ver a escrita como uma forma de sobrevivência dentro de uma sociedade e não como um simples passatempo ou uma forma de expressão individual.

Quando somos levados a escrever um texto, muitas indagações surgem:

- Como começar?
- Como desenvolver as idéias?
- Como encaixar as idéias?

Ao trabalharmos com a escrita, precisamos entendê-la como um meio que contém significação, portanto, trabalhá-la em situações reais de uso, desta forma encontraremos os elementos que fazem parte do processo de interlocução.

- AUTOR
- INTERLOCUTOR
- OBJETIVO

Deste modo, os alunos serão motivados a utilizar o código para expressar, de forma clara, as idéias que desejam transmitir.

Como estamos envolvidos em diferentes situações no nosso dia-a-dia, a escrita também deve adequar-se a essas situações; pois produzir um texto escrito é um trabalho que envolve questões específicas uma vez que o objetivo, o destinatário, o conteúdo, a organização das idéias, a argumentação, a escolha das palavras difere de situação para situação.

O papel do professor em sala de aula é trabalhar com diversos tipos de textos para incentivar o aluno e leva-lo à elaboração de textos nas diversas situações, fazendo uso dos referenciais que já tem da escrita.

## **15. INTERFACES DA LEITURA E DA ESCRITA**

Leitura e escrita são dois processos independentes e, por isso, O desenvolvimento de um não implica necessariamente o do outro. Quando dizemos que são processos independentes, queremos afirmar que as operações mentais presentes em cada um são distintas.

Para ler, por exemplo, o leitor deve extrair o conteúdo de um texto que está fora dele. Compreender o conteúdo é muito mais do que decodificar as palavras que estão escritas. Para compreender o texto, o leitor emprega uma série de estratégias (operações mentais) e sofre inferência de suas experiências prévias e de seu conhecimento do mundo. O conteúdo é apresentado através de uma forma: o jeito de o texto ser comunicado aos leitores (tipo de texto, sua apresentação, tipo de portador, vocabulário empregado, estrutura das frases, etc.).

Para escrever um texto, a criança precisa articular um conteúdo que deve ser criado a partir de uma proposta dada pelo professor, com a forma, incluindo o tipo de texto, sua apresentação, vocabulário, gramática, ortografia, pontuação, concordância, etc.

É possível que a criança, ao pensar nas idéias, “descuide-se” da forma (ou microestrutura) e construa um texto com boas idéias, porém “desajeitado” em sua forma. Vê-se que escrever textos é uma tarefa bem diferente de ler. Por isso, os dois processos devem ser trabalhados em sala de aula com igual importância.

## 16. CUIDADOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA

Ao planejar um trabalho de leitura, o professor deve levar em conta três fatores:

- **Textos diversificados:** Trazer para a sala de aula os mais variados tipos de textos para serem lidos. Eles estão classificados em: **literários, práticos, informativos e extraverbais;**
- **Enfoques:** Desenvolver um trabalho de compreensão do texto que envolva o conteúdo, a superestrutura esquemática e o discurso. No enfoque conteudístico, as perguntas encontram respostas no próprio texto. No estruturalista, as perguntas ou atividades versam sobre a organização interna de cada texto. No discursivo, o aluno é convidado a ir além do que está escrito.
- **Estratégico:** Estimular as ações do aluno enquanto lê. Um dos trabalhos do professor, considerando as estratégias, consiste em interromper a leitura sobre a parte do texto ainda não lida. Ensinar a ler é inferir nas estratégias de leitura do aluno.

## 17. CUIDADOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA ESCRITA

Ao planejar um trabalho de escrita, o professor deve considerar três aspectos:

- **Macroestrutura:** A parte do texto que se refere ao conteúdo e às idéias.
- **Microestrutura:** O modo como os conteúdos são concretizados no papel. No trabalho com leitura e escrita, encontramos um ponto de encontro: a

superestrutura esquemática. Isso significa que ela é importante tanto para uma como para outra.

Outro ponto de convergência é o fato de que na escrita utilizamos os conhecimentos lingüísticos adquiridos na leitura. Só nesse momento podemos firmar que o ato da leitura se consumou – o conteúdo do texto que lemos passa a ser realmente nosso. (NASPOLI, 1996,.p. 76-77)

## 18. O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E A COMPETÊNCIA DIDÁTICA

Aprender é uma atividade inerente à vida humana, que se concretiza de um modo extremamente diversificado: há várias formas de aprender e muitos modos de definir o significado da aprendizagem.

Em decorrência dessa diversidade que caracteriza o processo e o conceito de aprender, o professor, como mediador, como elemento de ajuda na relação “aluno X saber”, na condição daquele que ensina a “aprender”, **precisa refletir e se situar quanto a esse processo.**

O processo de ensino-aprendizagem, convém lembrar, desenvolve-se dentro das quatro paredes de uma classe, sofre a infiltração de inúmeras influências externas e projeta as suas conquistas para âmbitos sociais cada vez mais abrangente. O que o aluno aprende não deve servir para “resolver” a sua relação com o professor em um momento da sua história escolar. Antes e acima disso, o que um aluno conquista pela aprendizagem escolar deve ser útil para a sua vivência no mundo, para o resto de sua vida pessoal e social.

Até onde tem se desenvolvido a consciência do professor no que concerne à dimensão mais específica do seu trabalho?

A reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem é uma atividade básica para desenvolver uma consciência mais objetiva sobre a atuação cotidiana. Muitas vezes o professor, a professora, enfrentam alunos em classe de um modo mecânico, rotinizado. Esta situação não é mais adequada, por isso, precisa ser revertida.

Diz-se que o ensino-aprendizagem é um processo que precisa ser inventado todos os dias.

‘A aprendizagem é um processo tão importante para o sucesso da sobrevivência do homem que foram organizados meios educacionais e escolas para tornar a aprendizagem mais eficiente.’ (CAMPOS, 1971]

As situações de ensino-aprendizagem são sempre complexas. São muitas as variáveis que intervêm, são diversas as possibilidades de fracasso e de sucesso, são inúmeras as causas que influem sobre a experiência cotidianas e seus resultados.

A consideração de tal complexidade nem sempre é levada em conta. O processo ensino-aprendizagem foi tratado, em tempos passados, prioritariamente, como um processo individual, pessoal.

Hoje, a análise do processo ensino-aprendizagem requer uma atenção muito especial a todas as suas dimensões, em especial, à sua dimensão social. Quando nos referimos a conteúdos de aprendizagem, por exemplo, estamos falando de produtos sociais, culturais. Quando nos referimos ao professor, à professora, estamos falando de um agente social, um agente institucional, isto é, de alguém que desempenha um papel social, um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade. Ou, quando nos referimos ao aluno, estamos nos preocupando com o aprendiz social.

Aprender é um termo de uso comum e corrente. Todos temos um entendimento do que seja aprender.

Nos dicionários, aprender é entendido como “tomar conhecimento de alguma coisa”, “ficar sabendo”, “reter na memória”, “estudar”, “instruir-se”, “procurar tirar proveito do que se vê ou do que se observa”.

Na linguagem social, aprender é um processo fundamental da vida. É através da aprendizagem que o indivíduo desenvolve comportamentos que lhe possibilitam viver. Todas as atividades humanas exibem os resultados da aprendizagem.

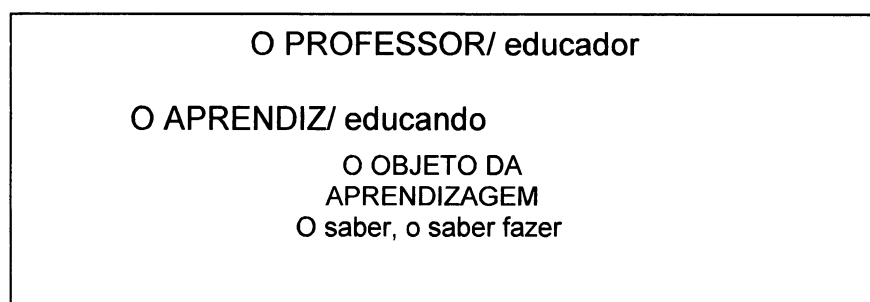
Na linguagem psicopedagógica, a aprendizagem tem muitos significados. Tanto, aliás, quantos são os caminhos para interpretar esse processo, tantas quantas são as teorias disponíveis.

Em termos operacionais, no entanto, podemos reduzir o conceito de aprendizagem a duas características processuais: **modificação sistemática do comportamento e efeito da prática**, entendida, esta, como reiteração, dos esforços de quem aprende, no sentido da progressiva adaptação ou ajustamento a uma situação nova que se lhe apresenta. (CAMPOS, 1971 P.30]

A aprendizagem no contexto escolar é um processo interativo assistemático-sistemático que supõe a mediação do professor/da professora e a administração de um saber significativo e socialmente elaborado.

Aprender, na Escola, significa a atividade da pessoa (aluno, aluna) em direção ao objeto da aprendizagem. Esta atividade de mediação, organização, facilitação, ajuda, exercida pelo professor junto ao aluno que quer aprender.

A **competência didática** pode ser entendida como a arte exercer o fazer aprender. Arte, técnica e ciências. Neste sentido, ela se desenvolve sobre tripé de condições pedagógicas.



Martin e Savary [1996]

É em razão do fazer aprender, ou do processo ensino-aprendizagem, entendido como resultado da interação dos três componentes básicos do triângulo pedagógico: **educador-educando-saber**, que se manifestam em situações didáticas problemáticas:

|                               |                             |
|-------------------------------|-----------------------------|
| Interação educador X educando | Relação pedagógica          |
| Interação educador X saber    | Caminho didático            |
| Interação educando X saber    | Estratégias de aprendizagem |

O caminho didático que orienta o processo de aprendizagem precisa levar em conta conceitos, tais como os que aqui estão resumidos- MEIRIEU – [1991]:

- a) Os conhecimentos não são coisas que se acumulam, mas sistemas de significações através das quais o educando se apropria do mundo. Portanto, diz MEIRIEU (1991), é importante que se considere que a memória não é uma seleção de arquivos, mas a expressão de uma **integração de informações**.
- b) Para que o aluno/aluna possa se apropriar de uma noção ou conceito, o professor/a professora deve conceber os materiais e as instruções de tal forma

que sua interação permita construir o conhecimento visado. Para tal, deve-se indagar: que materiais (textos, documentos, objetos, experiências) devo fornecer para o aluno/aluna possa dominar com as experiências de que dispõe em um nível adequado de complexidade? Que orientações devo formular para que o aluno/aluna possa explicar e desenvolver competências de que dispõe? (MEIRIEU, 1991);

- c) Os conhecimentos não se constroem sobre a ignorância, mas mediante a reelaboração de representações anteriores sob a pressão de um conflito cognitivo. Deste modo, é preciso entender que, para que o aluno possa passar a um nível superior de formulação das representações, devo fazer as representações já existentes emergirem, de modo a colocá-lo(la) em condições de reelaborar suas representações, introduzindo uma variação entre seu “projeto” (maneira como compreender as coisas e orienta sua ação) e os “materiais” que lhe são propostos (MEIRIEU, 1991);
- d) O aluno/aluna que aprende só mobiliza suas representações e só reelabora diante de situações desafiantes. Isso significa que o professor/a professora, ao introduzir o aluno/aluna em um processo de aprendizagem, deve colocá-lo(la) em uma situação problema, de comunicação, resolução ou utilização, rica e atrativa, capaz de mobilizá-lo(la). Além disso, o professor deve ajudar o aluno/aluna, ao longo do processo de aprendizagem, a construir o simples a partir do complexo;
- e) Como o professor/a professora encaminha essa ajuda? A melhor resposta, para MEIRIEU (1991) reúne as seguintes considerações:
  - 1º) Primeiramente, identificando, com o aluno/a aluna sempre que possível, suas aquisições e seus problemas;
  - 2º) Fazendo, regularmente, a formalização da consistência e da coerência alcançadas de modo que a situação inicial da aprendizagem, a situação-problema, converta-se em uma situação-recurso, isto é, uma situação nova, reveladora de competências.
- f) A aprendizagem não se reduz a uma simples lógica cumulativa. É por isso que o professor/a professora deve distinguir um aluno/uma aluna com dificuldades de um aluno/uma aluna com bloqueio. (MEIRIEU, 1991) torna clara essa diferença.

## 19. DIFERENÇA ENTRE DIFICULDADE E BLOQUEIO DE APRENDIZAGEM

(ADAPTADO DE MEIRIEU, 1991:348)

| POR OCASIÃO DE UMA APRENDIZAGEM DETERMINADA...   |   |
|--|---|
| Trata-se de DIFICULDADE, se...   | Trata-se de BLOQUEIO, se...   |
| Os trabalhos dos alunos são incompletos (inacabados, insatisfatórios ou “rápidos demais”)  | Os trabalhos dos alunos são descentrados (fora do assunto, incoerentes ou muito fragmentários), não respondendo de forma alguma às expectativas do professor. |
| O aluno manifesta preocupações e solicita ajuda durante a elaboração de um trabalho; consegue formular perguntas precisas sobre determinado ponto.       | O aluno expressa sua angústia ou seu desânimo antes mesmo de começar um trabalho, raramente solicita ajuda, pois ele não percebe para que lhe poderia servir. |
| O aluno se queixa freqüentemente de falta de tempo.  | A aluno não utiliza todo o tempo que lhe é proposto.  |
| Após conhecer a correção de um dever, o aluno pode refazer seu trabalho, melhorando sensivelmente seu desempenho.  | O aluno não consegue refazer o seu trabalho, melhorar, mesmo com a orientação apresentada na correção.  |
| O aluno reconhece seus erros como tais quando estes lhes são mostrados e consegue, pouco a pouco, retificá-los.  | O aluno está errando mesmo antes que isto lhe seja mostrado e vive esta situação como inevitável.   |
| O aluno não consegue enunciar uma regra, uma lei ou um conceito, mas é capaz de dar um exemplo.  | O aluno não é capaz de dar uma definição, um conceito, nem dar um exemplo. Confunde conceitos.  |
| O aluno pede para ir mais devagar com a explicação, interrompe o professor ou pára uma leitura para fazer perguntas ou pedir explicações.                | O aluno manifesta o desejo de ver as explicações resumidas. Seu comportamento leva o professor a apressar o ritmo das explicações ao invés de diminuí-lo.     |
| O aluno precisa ter aquilo que foi exposto representando; manifesta suas objeções, dando exemplos às vezes deslocados, para “afirmar” a sua compreensão. | O aluno manifesta suas objeções dando exemplos desconexos.  |

Quando se tratar de dificuldades de aprendizagem, o professor/a professora não precisa mudar de método. As dificuldades podem ser transpostas com aprofundamento, um reforço, do método que está sendo adotado.

Quando se tratar de bloqueio, o professor precisa buscar novos pontos de apoio, e até, reorientar-se metodologicamente.

O professor, no desempenho didático, precisa inventar. O caminho didático que o professor constrói no seu dia-a-dia está fundado em três eixos:

- 1º) no apoio que o aluno oferecer ao professor;
- 2º) na exploração de entradas para os saberes;
- 3º) na “luz” (liberdade e inspiração) que o projeto pedagógico da escola irradia.

As relações da escola com a sociedade e as relações sociais dentro da Escola são como uma moldura que enquadra o processo de ensino-aprendizagem. Esse processo envolve uma interação complexa, uma dinâmica cujos elementos se cruzam de tal forma que cada situação pedagógica pode ser única, singular.

No entanto, existem esquemas, idéias de como conduzir esse processo de ensino-aprendizagem que nada mais é do que um movimento de aproximar-se de cada aluno e ajudá-lo a progredir.

Existem condições gerais, institucionais que proporcionam qualidade para o processo de ensino-aprendizagem e apóiam o trabalho do professor. Sem elas o desafio de ensinar a aprender pode ficar intransponível. É imprescindível favorecer o bem-estar e o desenvolvimento geral do alunos em suas dimensões sociais, de equilíbrio pessoal e cognitivo. (SOLE e COLL, 1999, p. 15)

Assim, é necessário que o processo ensino-aprendizagem esteja “aconchegado” em escolar onde se tem certeza de que:

- a) Existe uma atmosfera favorável para aprendizagem;
- b) Há um compromisso com normas e finalidades claras e compartilhadas;
- c) Os professores trabalham em equipe, colaboram no planejamento, participam da tomada de decisão, estão comprometidos com a inovação e responsabilizam-se pela avaliação da própria prática;
- d) Há uma direção eficiente, assumida;
- e) Há considerável estabilidade no corpo docente;
- f) Há oportunidades de formação permanente relacionadas com as necessidades da escola;
- g) O currículo é cuidadosamente elaborado;
- h) Os pais apóiam a tarefa educacional da escola e esta está aberta a eles;
- i) São amplamente compartilhados os valores próprios da escola, de modo que sua identidade e os seus propósitos estão consolidados;
- j) O tempo da aprendizagem é cuidadosamente articulado;
- k) Existe um apoio ativo das autoridades educativas que permite a escola engajar-se em processos de mudança. ( SOLE e COLL, 1999, p.15-16)

A aprendizagem escolar é gradativa e implica que se dê uma organização lógica e psicológica a cada conteúdo de ensino. Organização lógica: seqüência progressiva

de conceitos, idéias e habilidades. Organização psicológica: adequação ao nível de desenvolvimento físico e mental que, por sua vez, é condicionada pelas características sócio-culturais dos alunos.

Segundo LIBÂNEO [1990] A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e o estudo. A experiência social das crianças interfere na consolidação dos conhecimentos escolares. Considere-se como exemplo, a linguagem do aluno em confronto com a linguagem do professor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aprendizagem é um processo planejado ou não, pode ser intencional ter seu objetivo prático.

As situações de ensino-aprendizagem são sempre complexas. São muitas as variáveis que intervêm, são diversas as possibilidades de sucesso e de fracasso, são inúmeras as causas que influem sobre a prática cotidiana e seus resultados.

Aprender é aprender a pensar, isto é “inquirir, investigar, examinar, provar, sondar” para se chegar a descoberta. Mas para aprender satisfatoriamente o indivíduo deve estar incentivado, motivado, pois estes são fatores essenciais no processo de aprendizagem.

A aprendizagem acontece durante toda a nossa vida.

Para aprender, o indivíduo deve estar pronto, isto é, deve estar com seu desenvolvimento saudável, maduro, compatível com o crescimento cronológico, em suma, deve estar bio-psico-socialmente em condições favoráveis, para se apropriar do saber sistematizado ou não. Afirma que ninguém aprende além do que sua estrutura cognitiva permitir.

A atividade cognitiva é a base e fundamento do ensino. O processo de assimilação e construção do conhecimento é resultado de reflexão proporcionada pela percepção prático-sensorial e pelas ações mentais que caracterizam o pensamento.

VIGOTSKI - (1984:83) também defende o pensamento de PIAGET, de que a criança constrói o seu aprendizado interagindo ao seu meio, mas também defende que a aprendizagem e desenvolvimento ocorrem simultaneamente, havendo uma interação entre ambos embora sejam processos independentes.

“Acreditamos que a aprendizagem se processa na criança de forma paralela, concomitante ao desenvolvimento físico. Concordamos que ela se processa no decorrer do desenvolvimento físico da mesma, quando esta começa a integrar-se e a interagir no meio em que vive”.

Sendo a aprendizagem um processo importantíssimo para o sucesso da sobrevivência do homem, foram organizados meios educacionais e escolares para tornar a aprendizagem mais eficiente.

Na aprendizagem escolar há influência de fatores afetivos e sociais, tais como os que afetam professores e alunos, os que interferem nas disposições emocionais dos alunos, para enfrentar as tarefas escolares, os que contribuem ou dificultam a formação de atitudes positivas dos alunos frente às suas capacidades e frente aos problemas e situações da realidade desse processo.

Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinado, é melhor ensiná-la da maneira que ela aprende.

Assim, conclui-se que a aprendizagem é requisito fundamental para o progresso do indivíduo, ela abre caminhos e portas fechadas, permite ao indivíduo sair do pensamento ideal para a realização do real, e proporcionando ao ser humano condições de atuar dentro de seu contexto social, exercendo dignamente o seu direito à cidadania.

# ANEXOS

## QUESTIONÁRIO

- 1) O QUE VOCÊ ENTENDE POR APRENDIZAGEM?
- 2) O SER HUMANO APRENDE SOMENTE EM IDADE ESCOLAR OU APRENDE A PARTIR DO MOMENTO EM QUE NASCE? EXPLIQUE.
- 3) O AMBIENTE, O MEIO, É FATOR QUE INFLUI NA APRENDIZAGEM?
- 4) QUAL A CARACTERÍSTICA DA CRIANÇA QUE MELHOR APRENDE?
- 5) A CRIANÇA PORTADORA DE NECESSIDADES ESPECIAIS TAMBÉM TEM CONDIÇÕES DE APRENDER?
- 6) PROFESSORA; A FAMÍLIA É UMA INSTITUIÇÃO QUE EXERCE INFLUÊNCIA NO APRENDIZADO DE SEU FILHO/ EXPLIQUE POR QUE
- 7) COMO A ESCOLA DEVE ESTAR PREPARADA PARA OFERECER UM APRENDIZADO SATISFATÓRIO?
- 8) O PROFESSOR É O ELEMENTO PRINCIPAL DO ENSINO? EXPLIQUE.
- 9) COMENTE: “O PAPEL DO PROFESSOR É DE UM ESTIMULADOR E FACILITAR A APRENDIZAGEM”.
- 10) A APRENDIZAGEM DEVE ESTAR RELACIONADA AO MUNDO DO ALUNO?
- 11) A APRENDIZAGEM SIGNIFICA UM PROCESSO PESSOAL?
- 12) A CRIANÇA DEVE ATINGIR CERTO NÍVEL DE MATURIDADE PARA APRENDER?
- 13) QUAL É O ELEMENTO PRINCIPAL DA APRENDIZAGEM? EXPLIQUE.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. Vivendo e Aprendendo. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1985.
- MOREIRA E MASSINI. Aprendizagem Significativa – A Teoria de David Ausubel. São Paulo. Moraes, 1982.
- WERTHEIMER, M. Pequena História da Psicologia. São Paulo, Nacional, 1972.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática – Anais do Século XVI – Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional, V.1, Rio de Janeiro, 1985.
- BRUNNER, S. Jerome. Uma Nova Teoria da Aprendizagem. Rio de Janeiro. Bloch. 1969.
- VIGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. 3ª Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2000.
- PIAGET, Jean. A Linguagem e o Pensamento da Criança. Trad. CAMPOS, Manoel. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura. 1961.
- MIZUKAMI, M.G.N. **Didática**. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1990
- POSTMAN, NEIL E EINGARTNER, CHARLES – Contestação: Nova Fórmula de Ensino – Rio de Janeiro – Expressão e Cultura.
- MASETTO, Marcos – Didática – Coleção Aprender e Ensinar. FTD. São Paulo. 1994
- BOCK, Ana M. Bahia *et alii* – Uma Introdução ao Estudo das Psicologias. Saraiva. 5ª ed. 1993.
- DORIN, Lanoy – Enciclopédia de Psicologia Contemporânea – Psicologia Aplicada à Educação. Iracema Ltda.
- DORIN, Lanoy – Psicologia na Escola. Iracema Ltda.
- HELGARD, E. R. – Teorias de Aprendizagem. Ed. EPU. SP. 1973.
- NASPOLI, Ana Tereza – Didática de Português – “Tijolo por Tijolo” – pág. 76/77. FTD. 1996.
- IESD – Instituto Nacional de Estudos Sociais e Desenvolvimento Educacional – CND. Pág. 345 a 350.